

Psicologia escolar: relato de uma experiência realizada em uma instituição

Quinha L. de Oliveira¹, Eduardo C. Benedicto², Leila C. De L. Bessa²,
Liliane G. Goulardins² e Alessandra Fernandes Carrea²

Relato de um trabalho realizado por estagiários de psicologia na área escola/educacional em uma instituição que atende crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. A atuação foi realizada com todos os integrantes da entidade, ou seja, a diretora, os monitores, as crianças e adolescentes e mães por meio de dinâmica de grupo, orientando a respeito de problemas ou assuntos sugeridos pelos grupos, abrangendo aspectos organizacionais, de relações interpessoais, de informação e de formação e crescimento pessoal. A postura assistencial passou a ser educacional por parte dos monitores em relação às crianças.

Palavras chave: instituição, psicologia escolar/educacional, funções do psicólogo escolar.

Abstract

Work done by psychology students in the school/educational area of an educational institution attending 7 to 14 year-old children is reported. The work was done with all participants of the institution, that is, the principal, the teachers children, teenagers and mothers, using group dynamics, giving orientation about problems or topics suggested by the groups, including aspects of the organization, interpersonal relationships, information and formation and personal development. The assistance attitude of the teachers turned to be educational as far as the children were concerned.

Key words: institution, school psychology, school educational, role of the school psychologist.

Introdução

O psicólogo escolar/educacional está ainda em busca de um espaço legal para o seu trabalho. Paralelamente a esta busca, ele tenta delinear as suas atribuições, de forma que possa ajudar na resolução e prevenção de diversos problemas nesta área.

A expectativa que a comunidade tem em relação a ele é voltada para uma postura clínica, na resolução de problemas. Tal situação se deve, dentre muitas razões, ao fato do próprio psicólogo ter passado, até então, essa imagem, através da sua atuação,

como apontam vários pesquisadores, dentre eles, Carvalho (1988), Oliveira e Bruns (1992) e Guzzo e cols. (1993).

Como sugere Witter (1977), cabe ao psicólogo demonstrar as possibilidades de sua prestação de serviços. Para isso, é necessário que ele conheça a realidade total da instituição escolar/educacional, a perspectiva dos que lá estão trabalhando, suas necessidades, seus problemas e suas expectativas.

Como se tem verificado na prática, em situações bem recentes os psicólogos, embora em número reduzido, têm se esforçado nesse sentido. Como verificaram Witter e cols. (1992), a orientação prestada aos professores, quando integrada ao trabalho de assessoria, fortalece a atuação como consultor, suplantando, dessa forma, a atuação clínica. Destaca-se também o papel crescente da prevenção, ocupando o psicodiagnóstico uma posição secundária.

1. Professora Doutora do Depto de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP.

2. Estagiários do curso de Psicologia.

Participaram também as alunas: Meire Perpétua Vieira Pinto, Ana Maria Fortaleza e Cláudia Maria Padovan.

Endereço para correspondência: Depto de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP.

Embora a atuação em instituições educacionais tenha uma frequência menor, quando comparada às escolas, é neste locais que, algumas vezes, o psicólogo está tendo oportunidade de demonstrar suas possibilidades, trabalhando de uma forma mais abrangente. Essa forma mais ampla de atuar inclui, como apontam alguns estudiosos (Almeida e Lima, 1988; Witter e cols., 1992; Del Prette, 1993; Maluf 1994 e Bastos e Achcar, 1994), os aspectos não só educacionais, sociais e políticos como também os organizacionais.

É com base nestas últimas considerações que o presente trabalho foi realizado com o uso de estagiários do curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP em uma Instituição de Assistência ao Menor, nos anos de 1993 e 1994.

Esta é uma entidade civil, criada em 1978, de caráter filantrópico, de direito privado, com personalidade jurídica, registrada no Conselho Nacional de Serviços Sociais e conveniada com a L.B.A. e a Prefeitura Municipal. É composta por um corpo administrativo, formado por um presidente, um vice-presidente, dois secretários, dois tesoureiros e em conselho fiscal, de três membros. A presidente também coordena os trabalhos e atende as famílias.

Atende crianças e adolescentes, de 7 a 14 anos, de ambos os sexos, cujos pais trabalham, mas possuem uma baixa renda. A criança passa um período na instituição, sendo obrigada a frequentar escola regular no outro período. No ano de 1993, atendia 60 crianças de manhã e 35 à tarde e no ano de 1994, 62 de manhã e 40 à tarde.

Quanto aos recursos humanos, a entidade conta com seis monitores e um auxiliar que se responsabilizam pela tapeçaria, pintura em tecido, artesanato em madeira e gesso, confecção de flores e bonecas, cabeleireira, arranjos de biscoito, crochê, marcenaria, datilografia e computação. Conta, ainda, com três professoras que auxiliam nas tarefas esco-

lares e três pessoas responsáveis pelos serviços gerais, cozinha e preparo dos lanches.

Seu objetivo maior é prestar assistência a crianças e adolescentes carentes do bairro, buscando a promoção humana e a integração à sociedade. Para atender seus objetivos específicos, oferece cursos, promove atividades de iniciação profissional, acompanha o rendimento escolar, estimula a participação dos pais, fornece alimentação, promove momentos recreativos e realiza a integração social, através de teatro, competições e passeios.

A iniciativa do trabalho ora apresentado partiu da instituição, que solicitou à Faculdade uma orientação para as crianças que apresentavam dificuldades na aprendizagem e na adaptação social, esperando ter do estagiário uma postura mais clínica, com um atendimento mais individualizado.

A partir de contatos realizados com a instituição, verificou-se que não só as crianças e adolescentes necessitavam de uma orientação, como também as pessoas que lidavam com elas, além da própria instituição, em relação a sua organização à execução de seus objetivos.

Desta forma, através das disciplinas-estágio "Atuação do Psicólogo em Instituições Educacionais I e II" e estágio vinculado ao Centro de Psicologia Aplicada, órgão pertencente ao Departamento de Psicologia e Educação da referida faculdade, o trabalho foi realizado em 1993 por cinco estagiários e em 1994, por duas estagiárias.

Inicialmente, todos os estagiários fizeram observações de todas as atividades desenvolvidas e efetuaram contatos formais e informais com todos os integrantes, com o objetivo de verificar a história da instituição e suas finalidades, sua estrutura e seu funcionamento, bem como conhecer a clientela atendida para levantar os possíveis problemas ali existentes que pudessem ser trabalhados.

A partir desta caracterização da instituição, percebeu-se que os problemas mais frequentes das

crianças estavam relacionados à disciplina, dificuldades na aprendizagem, problemas familiares e adaptação social. Com relação à instituição, observou-se a necessidade de uma maior estruturação e organização quanto aos seus objetivos para um melhor funcionamento, bem como uma orientação mais específica para os monitores que atendiam as crianças. A instituição solicitou também que fosse realizado um trabalho junto aos pais.

Após a aceitação da instituição em se trabalhar com todos os seus integrantes, os estagiários se distribuíram, de acordo com a disponibilidade de horários, de forma a atender tanto as crianças e adolescentes de ambos os períodos como também seus respectivos monitores.

Assim, o presente trabalho teve por *objetivo* mais amplo atuar com todos os integrantes da instituição, com uma postura educacional mais abrangente. Os objetivos específicos serão relatados de acordo com o trabalho realizado em cada um dos segmentos da instituição.

Método e Resultados

Todas as atividades foram desenvolvidas em grupos, visando trocas experienciais, com a finalidade de se atingir esse objetivo mais amplo.

Monitores

O trabalho realizado com os monitores teve por objetivo específico discutir os problemas existentes tanto com relação à organização e funcionamento da instituição, como também os relacionados às crianças. Este grupo era constituído pela diretora, por sete monitores em 1993 e cinco em 1994 e todos os estagiários. Decidiu-se, após um consenso, que estas reuniões seriam semanais, com uma hora de duração.

Foi esclarecido que a participação seria voluntária, mas que, feita a opção por participar, seria interessante a frequência contínua para um melhor

aproveitamento de toda a seqüência do processo. Esclareceu-se também o papel do estagiário enquanto integrante do grupo, sendo um elemento mediador na coordenação e orientação das questões levantadas pelo grupo. Outro ponto lembrado foi o caráter confidencial e ético do trabalho.

Inicialmente, foram levantadas as questões que preocupavam o grupo. Estas diziam respeito à necessidade de se estabelecer algumas normas de funcionamento, a dificuldade em se lidar com algumas crianças consideradas indisciplinadas, agressivas e com problemas familiares, bem como a necessidade de se ter uma orientação para trabalhar junto aos pais.

Verificou-se que os monitores apresentavam uma postura mais assistencialista no trato com as crianças, trazendo-lhes decisões prontas, sem possibilidades de discussão ou confrontoamento, excluindo-as do processo de reflexão. Havia uma visão subestimada da criança, sendo considerada como um elemento passivo, devendo receber ajuda da instituição. O poder decisório se centrava na direção, que, por sua vez, sobrecarregava-se na execução das tarefas.

Diante disso, decidiu-se começar a discussão pelo objetivo da instituição. Pretendia-se, com isso, fazer com que os monitores refletissem sobre esse caráter assistencial e o significado que eles tinham, enquanto educadores, para com as crianças. Foi discutida essa postura mais passiva por parte deles, que se refletia no trato com as crianças, no sentido de esperar soluções por parte da direção, colocando sempre empecilhos diante de situações novas. Com isso, discutiu-se o fato deles estarem sendo modelos para as crianças, passando-lhes essa maneira de atuar. Desta forma, foram trabalhadas questões visando transformar essa visão assistencial em educacional, acentuando a responsabilidade de cada monitor na formação e desenvolvimento pessoal da criança.

No começo, os monitores apresentaram uma certa resistência e dificuldade em trabalhar com esse assunto, uma vez que esperavam do estagiário soluções rápidas a respeito de casos específicos de crianças que estavam perturbando o “bom andamento na instituição”. Foram discutidos assuntos referentes ao desenvolvimento e crescimento do próprio grupo, por meio de reflexões sobre acontecimentos e dificuldades enfrentadas no decorrer deste processo, o que facilitaria o trabalho junto às crianças, preparando-os para resolverem situações futuras.

Notou-se também uma grande dificuldade dos monitores em trabalhar em grupo por não estarem habituados a isso e não se verem como elementos integrantes na resolução de problemas. Este ponto - integração do grupo - foi a variável mais trabalhada durante todo o processo de atuação, levando-se em conta as resistências pessoais para aceitação do outro, a dificuldade em se desvinciliar do autoritarismo, a tomada de decisão de forma consensual, o compromisso em se assumir as decisões tomadas e a delegação do poder na execução das atividades.

Em relação à instituição, os monitores se conscientizaram de que era necessário tomar decisões em conjunto, estabelecer regras com relação a horários e atividades, dividir tarefas e responsabilizar-se por elas, fazer a instituição ser conhecida na comunidade e ver a criança como uma pessoa ativa no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Alguns casos específicos de crianças foram discutidos, com o objetivo de se verificar qual era o procedimento da instituição em relação a problemas referentes às mesmas. Observou-se que, muitas vezes, as crianças eram penalizadas ou criticadas por algo inadequado que tivessem feito, sem que soubessem, a priori, como deveriam agir. Foi discutida a questão de se construir, junto com a criança,

regras disciplinares, com consciência de suas razões e conseqüências, e o compromisso em segui-las, tentando atingir uma educação mais consistente que possibilitasse às crianças uma visão global das normas que a permeavam, lembrando a importância da incorporação delas para si mesmas, tanto como formação pessoal quanto para o bom andamento da instituição. Esta questão foi e está sendo ainda difícil de ser totalmente resolvida, pois, em alguns momentos há algumas regressões no sentido de não se conversar com a criança antes, para se estabelecer regras ou, no momento em que o comportamento inadequado está acontecendo, não haver a conversa para se verificar o porquê e decidir sobre a conseqüência, tomando-se, ainda, decisões consideradas punitivas, sem a participação da criança. Entretanto, na maioria das vezes, esta conscientização já está acontecendo.

O fornecimento de informações e o preparo da criança ou adolescente para enfrentar novas situações foi a variável mais importante trabalhada durante todo o processo de atuação. Por exemplo, em casos em que se oferecia oportunidade de emprego (na datilografia) dentro da própria instituição para adolescentes que passavam dos 14 anos, houve a preocupação no sentido de se estabelecer contrato de trabalho, conversar sobre as atribuições e compromissos, preparando o adolescente para futuras contratações na comunidade.

Outra mudança claramente percebida está relacionada ao que esta instituição chama “grupos sociais”. Estes grupos visam trabalhar aspectos relacionados à religião e proporcionar discussões sobre temas ligados ao meio social das crianças, bem como programar festas e comemorações. A mudança em questão diz respeito a uma maior confiança nas crianças a ponto de deixar a cargo das mesmas o planejamento das atividades relacionadas às comemorações.

Essa mudança de postura para o educacional se refletiu na atitude dos próprios monitores que se

mostraram mais criativos, tendo mais iniciativas e, principalmente, fazendo com que a criança agisse da mesma forma. A primeira questão “O que devo fazer para que a criança cumpra as tarefas propostas?” foi transformada em “Como a criança resolveria as atividades ou quais ela proporia”? Portanto, a atenção centrou-se não mais na figura do monitor que ditava regras, mas na crença na capacidade, criatividade e iniciativa da criança. Desta forma, eles passaram a se conscientizar de que não se devia dar tudo pronto para a criança, mas proporcionar meios para que ela se instrumentalizasse para enfrentar situações novas.

Atualmente, este grupo de monitores coordena reuniões mensais obrigatórias com todos os integrantes da instituição. Eles organizam os assuntos a serem discutidos, elaboram a convocação das reuniões, revezam-se na apresentação das informações ou dos problemas, realizam atas, discutem a viabilização das propostas que surgem, coordenam a distribuição das tarefas e, principalmente, incentivam o grupo a crescer, como eles, no sentido de haver maior integração para tomada de decisões mais acertadas e democráticas. Desta forma, estes monitores estão agindo como elementos multiplicadores, no sentido de passarem para todos os integrantes da instituição a sua experiência e a sua mudança de postura.

Diante de uma avaliação realizada com os monitores a respeito do trabalho efetuado, pôde-se perceber, ainda, uma mudança sobre a visão do profissional psicológico. Esta mudança proporcionou a quebra do estereótipo do psicólogo enquanto capaz de “saber o que se passa na cabeça da gente” para “uma pessoa como a gente, preparada para lidar com certas situações”.

Diretora

Foi realizado, neste ano, em reuniões semanais, através de uma estagiária, um trabalho individual, com a diretora que teve por intuito a orientação a respeito da organização e coordenação

dos recursos humanos da instituição e dos objetivos educacionais relacionados às crianças.

Graças a essas reuniões foram, instituídas algumas práticas na instituição que se apresentaram muito bem sucedidas. A que mais se destacou, dentre estas, foi o estabelecimento de reuniões individuais com cada monitor a fim de levantar progressos da instituição, críticas, nível de realização profissional, dúvidas e sugestões por parte destes. Outra prática instituída foi o estabelecimento do livro de ponto para um melhor controle do horário de entrada e saída e das faltas dos funcionários, a fim de evitar que as crianças ficassem sozinhas ou sem atividades.

Esse trabalho individual com a diretora possibilitou, ainda, uma mudança de atitude considerável desta, que passou a assumir melhor a coordenação da casa e a organizá-la de forma mais eficaz. Essa mudança de atitude se refletiu ainda na relação com os monitores, uma vez que esta deixou de ser tão paternalista, pois estes, diante do estabelecimento de limites por parte da diretora, passaram a procurar resolver um pouco mais suas dificuldades com as crianças e entre si, sem recorrer tanto à diretora.

Crianças e Adolescentes

Os grupos de crianças e adolescentes foram formados levando-se em conta a idade, os problemas comuns e o horário, constituindo-se espontaneamente, pela procura voluntária dos mesmos, ou sendo encaminhados pelos monitores. Desta forma em 1993 foram atendidas 64 crianças, distribuídas em sete grupos, e 33 adolescentes, distribuídos em três grupos; no ano de 1994, 18 crianças, em dois grupos e 8 pré-adolescentes, em um grupo, totalizando uma clientela de 123 alunos.

Os estagiários esclareceram para esses grupos que eles estavam ali para discutirem questões do interesse deles, havendo a liberdade de participar ou não do grupo. Porém, uma vez tendo optado por participar, era necessária uma frequência regular,

pois os assuntos teriam uma continuidade e o grupo teria uma certa organização no sentido de executar tarefas. Foi esclarecido também o caráter confidencial dos assuntos ali tratados.

Os grupos se reuniam semanalmente, durante uma hora, num horário em que normalmente não estavam em atividades de tarefa escolar. As decisões quanto aos horários foram tomadas pelas crianças e os monitores. Foi solicitado a esses últimos que não “lembrassem” a criança sobre o dia e horário dessa atividade, pois, pretendia-se criar nela responsabilidade de assumir esse compromisso.

O procedimento utilizado nos grupos foi sempre o mesmo, ou seja, partiu-se da necessidade, interesse, expectativa e experiência da criança e do adolescente, criando-se situações vivenciadas que facilitavam a discussão, conscientização e reflexão de seus problemas e, principalmente, as formas de resolvê-los.

Os assuntos de interesse, sempre trazidos pelas crianças, foram levantados e especificados em tópicos, estabelecendo-se uma ordem de prioridade para discussão, com o cuidado de haver uma certa flexibilidade para alguma mudança, dependendo do interesse e decisão do grupo.

Pretendia-se, com as discussões desses assuntos, fornecer meios para que eles se informassem a respeito dos diferentes conteúdos e, principalmente, que criassem posturas de participação em grupo, incorporando-as na sua vida pessoal. Trabalhou-se bastante a questão da iniciativa para resolver questões relativas às atividades desenvolvidas e soluções de problemas vivenciados no dia-a-dia.

Para se estabelecer a integração do grupo, foram discutidas questões referentes ao sentido de grupo, ao respeito pelo outro, à disciplina, ao consenso na tomada de decisões, à distribuição de tarefas e à responsabilidade em cumpri-las, à amizade, à socialização, à resolução de problemas surgidos dentro do grupo etc. Cada grupo construía suas próprias

regras referentes ao relacionamento entre eles e as atividades disciplinadoras, para um bom andamento de todas as reuniões.

O primeiro passo sempre foi o estabelecimento de uma relação afetiva, de confiança e respeito entre os elementos do grupo e os estagiários. Para isso, eram usadas algumas dinâmicas integrativas, através de desenhos e brincadeiras, dando-se oportunidade para todos se apresentarem, falando um pouco sobre si mesmo, seus interesses, seu modo de vida etc. A partir, daí, levantaram-se os temas de interesse para serem discutidos. Ao iniciar-se um assunto, procedia-se sempre a um questionamento a respeito de sua relevância e incentivava-se o grupo a procurar o conteúdo a respeito dele em livros, cadernos, revistas, jornais, filmes, televisão, pessoas etc.

A atuação em cada grupo foi a seguinte:

Grupo A - formado por 11 crianças, de 9 a 11 anos, encaminhadas pelos monitores por apresentarem problemas comportamentais e disciplinares.

Devido a esses problemas apresentados, como agressividade, agitação e comportamentos anti-sociais e também pelo fato das crianças se reunirem após o recreio, foi necessário fazer-se uso de técnicas de relaxamento, no início das reuniões, as quais as ajudavam a ficarem mais calmas e participar, de uma forma mais concentrada, nas atividades.

Os assuntos mais discutidos foram os referentes a problemas escolares e disciplinares, conceitos de higiene mental, corporal e alimentar, namoro, agressividade e violência. Esses assuntos foram trabalhados através de músicas, desenhos, livros e, principalmente, discussões.

De modo geral, essas crianças apresentaram uma significativa melhora quanto a atitudes e comportamentos inadequados, vistos pelos monitores.

A partir de relatos deles mesmos, essa mudança também foi verificada, levando-os a ter uma visão mais ampla e mais crítica da realidade social e das conseqüências das suas atitudes.

Mostraram-se satisfeitos com o trabalho desenvolvido e enfatizaram como mais importantes as questões referentes à educação, disciplina e violência.

Grupo B - 8 crianças, de 9 a 11 anos, que foram ou encaminhadas pelos monitores ou por interesses próprios, indo espontaneamente.

Neste grupo também foi necessário utilizar relaxamento, no início das reuniões, por estarem muitos agitados, após o recreio.

Os temas abordados estavam relacionados à vida pessoal deles, suas atividades, lazer, escola, amizades, preferências e família. Num segundo momento, este grupo optou por trabalhar com música. Cada integrante ficava responsável por trazer uma fita, trabalhando-se, assim, além do conteúdo da letra das músicas, as experiências pessoais das crianças e aspectos à responsabilidade e iniciativa.

Trabalhou-se também com fantoches, o que facilitou discutir temas familiares, como o que é ser pai, mãe filho, irmão; casamento e separação. Outros temas abordados foram: interesses profissionais, formas de se relacionar e violência.

De modo geral, pôde-se perceber a evolução deste grupo, através da modificação na postura de seus integrantes, que passaram a se controlar e a sinalizar para os outros os momentos de indisciplina.

Grupo C - 12 crianças, de 9 a 11 anos, que apresentavam vivências pessoais comuns, com pais alcoólatras.

No início do atendimento, a postura destas crianças foi de muita indisciplina e comportamentos inadequados (não respeitavam o outro, falavam todos de uma só vez e mostravam-se bastante agressivos).

Durante as reuniões, foram utilizadas algumas técnicas de dinâmica de grupo, para integrar o grupo e as discussões eram complementadas com livros e revistas.

Os temas abordados sugeridos, a princípio, referiam-se à agricultura (como plantar) e assuntos escolares e socioeconômicos. Posteriormente, interessaram-se por educação sexual. Um outro assunto bastante discutido foi o referente à violência (onde começa a violência? a violência está só nas ruas? eu cometo violência?). Sempre foram trabalhadas as questões da responsabilidade, da educação, do respeito e da disciplina.

De modo geral, pôde-se perceber que este grupo apresentou bastante progresso, em relação ao início das reuniões, nas questões comportamentais e disciplinares. As crianças também verificaram esse progresso.

Grupos D e E - 8 e 7 crianças respectivamente, de 9 a 11 anos, constituídos por interesses próprios, formando-se espontaneamente.

Os temas sugeridos diziam respeito a: sexualidade, drogas, mudanças corporais e psicológicas que começam a acontecer na puberdade, namoro, casamento e família. Para isso, foram utilizados alguns recursos, como livros trazidos pelas crianças, dramatizações, colagem, desenhos, elaboração de cartazes e, principalmente, a contribuição pessoal nas discussões.

Outro aspecto, constantemente trabalhado nestes grupos, foi a relação interpessoal, questões ligadas à disciplina, colaboração e respeito entre os integrantes dos grupos. Utilizaram-se para isso recursos de dinâmica de grupo, algumas dramatizações, além da constante reflexão sobre o que estava acontecendo.

Observou-se, no decorrer do processo, que as crianças começaram a assimilar um pouco os objetivos propostos pelo trabalho, havendo, entretanto, muito a ser desenvolvido com essas crianças, especialmente no que se refere ao respeito entre si e à disciplina.

Grupo F - 9 crianças, de 7 a 10 anos, de ambos os sexos; formado espontaneamente.

Os temas iniciais foram referentes a: como as plantas nascem, como os animais nascem, como os bebês nascem, assuntos religiosos, doenças como catapora, caxumba, aids e caxumba. A partir das discussões sobre como os bebês nascem, outros assuntos surgiram, como métodos anticoncepcionais, doença sexualmente transmissíveis, namoro e adolescência, inclusive gravidez na adolescência.

Devido à dificuldade deste grupo em se concentrar nas atividades, foi necessário, em todas as reuniões, utilizar-se de relaxamento, no final do qual, a estagiária aproveitava para relembrar as regrinhas construídas pelo próprio grupo a respeito do relacionamento entre eles, para o bom andamento do mesmo.

Após o relaxamento, as crianças faziam desenhos sobre o que tinham sentido no relaxamento, discutindo-se em grupo, de forma anônima. A partir disso, as crianças já se sentiam dispostas para a discussão do tema do dia. A discussão dos assuntos foi realizada através de leitura de livros didáticos, explicações das estagiárias, esclarecimento de dúvidas das crianças, desenhos elaborados pelas estagiárias e pelas próprias crianças e material complementar trazido pelas mesmas.

As crianças demonstraram grande interesse e envolvimento com as discussões realizadas. Os problemas de comportamento, atenção e concentração foram bem amenizados, embora ainda ocorressem esporadicamente. No entanto, as crianças perceberam a necessidade de controlarem seus colegas para o cumprimento das regras construídas por eles.

Outro fato positivo percebido foi a mudança na forma como essas crianças passaram a encarar o sexo, uma vez que começavam a falar sobre este assunto com maior naturalidade e a vê-lo como algo bonito, natural e necessário. Elas passaram também a lidar com as mudanças em seus corpos geradas pela adolescência de uma forma mais natural, conver-

sando abertamente, dando exemplos próprios e comentando sobre mudanças pelas quais já começavam a passar. Essas mudanças se refletiram na própria família, pois passaram a questionar os pais e obter mais entrosamento com estes a respeito desse assunto, embora nem sempre se obtivessem respostas corretas. Isso também era discutido com as crianças.

Grupo G - 9 crianças, de 7 a 11 anos, só de meninas, formado espontaneamente.

Desde o início, este grupo apresentou-se extremamente interessado e sem dificuldades de comportamento e atenção. Assim, as discussões foram iniciadas mais rapidamente e ainda mais agilizadas pelo interesse e envolvimento das crianças. Talvez o fato deste grupo apresentar uma média de idade um pouco maior do que a do grupo F e por ser constituído somente por meninas, possa ter contribuído para a facilidade do trabalho.

Foram discutidos os mesmos assuntos do grupo F, aprofundando-se um pouco mais, com uma discussão mais elaborada e avançada.

Os mesmos resultados obtidos no grupo F foram observados, no sentido de haver uma maior desinibição para tratar de assuntos sexuais, maior conscientização das próprias mudanças corporais e maior envolvimento dos pais, embora estes pudessem não dar informações corretas e completas sobre o assunto.

Grupo H - 8 pré-adolescentes e adolescentes, de 9 a 12 anos, só do sexo masculino; formado espontaneamente.

Os assuntos discutidos diziam respeito à reprodução vegetal, animal e humana. Neste último, prioritário, foram aliadas questões culturais, morais e religiosas a respeito do amor, namoro, sexo antes do casamento, métodos anticoncepcionais.

De forma geral, observou-se uma mudança com relação a uma maior desinibição e uma maior conscientização dos temas discutidos. Nas duas últi-

mas reuniões, este grupo se reuniu com o grupo C para assistir a um vídeo sobre educação sexual e discutir sobre o namoro e crimes sexuais. Estes encontros foram muitos ricos, com trocas de experiências e idéias entre os dois grupos, de forma amadurecida.

Grupos I e J - 9 adolescentes em cada um, de 12 a 14 anos; formados espontaneamente, a partir de idade, escolaridade e interesses comuns.

A dinâmica das reuniões tinha por objetivo trabalhar questões relativas ao desenvolvimento pessoal, iniciativas, responsabilidades, relacionamento grupal, cooperação, respeito mútuo e problemas disciplinares. Estas questões eram trabalhadas à medida que surgiam no grupo, sempre em forma de discussões e dinâmica de assuntos que os interessava e que eram trazidos por eles. Foram discutidos assuntos referentes a drogas, cólera, AIDS, homossexualismo, bóias-frias, diversões de cada um, sexualidade, violência, namoro, outros grupos sociais de que participavam etc.

As dinâmicas passaram por relaxamento, exibição e discussão de filmes, desenhos (onde representavam a si mesmos e ao grupo), dramatizações, dinâmica de comunicações grupais, pesquisas bibliográficas em livros, revistas e jornais, visitas à locadora de filmes etc. Os filmes eram assistidos pelos dois grupos em conjunto, em outro horário, estipulado por eles próprios. Após isso, procedia-se a uma discussão sobre a temática relacionada com cada filme, nos grupos separados.

Ao final de cada semestre, era realizada uma integração entre estes dois grupos para organizarem um evento de confraternização entre eles e o estagiário.

Os problemas indisciplinados apresentados no início do trabalho, com relação à participação no grupo, foram sanados com a construção, por eles mesmos, de regras baseadas no respeito mútuo, na conscientização de grupo, na disciplina, na divisão

de tarefas, na cooperação e nos objetivos implícitos (desenvolvimentos pessoal e grupal).

Com o desenrolar do trabalho, percebeu-se que os adolescentes foram interiorizando as questões discutidas, apresentando maior entrosamento entre si, maior iniciativa nas atividades da instituição, mais cooperação e mais disciplina. Essa melhora também foi verificada e confirmada pelos monitores.

Grupo L - 15 adolescentes, de 12 a 14 anos, misto; formado espontaneamente.

Os temas discutidos referiam-se a: desenvolvimento do corpo humano, gravidez, menstruação, métodos anticoncepcionais, família, namoro, casamento, drogas, AIDS, formas de se relacionar, tipos de violência, opções escolares e profissionais. Também com esse grupo foram utilizados filmes, além dos livros.

Esse grupo não apresentou problemas disciplinares e mostrou-se bem interessado, desde o começo, o que pode ter levado a um maior aproveitamento das discussões. Pôde-se perceber, durante a evolução do grupo, uma melhora nas formas de relacionar entre eles, posturas de maior responsabilidade, maior participação ativa, grande envolvimento, o que levou a discussões mais ricas, podendo-se perceber (por eles mesmos e pela instituição), no final deste, um certo grau de amadurecimento de seus integrantes.

Grupos M e N - 9 crianças em cada um, de 6 a 11 anos, que apresentavam problemas de aprendizagem e comportamento.

Esses dois grupos tiveram uma característica específica. Além de ter como objetivo desenvolver comportamentos grupais com o respeito mútuo, cooperação, iniciativa, disciplina etc., trabalhou-se também aspectos psicopedagógicos, para auxiliar nas dificuldades de aprendizagem escolar. Esses grupos se reuniam duas vezes por semana, durante uma hora e meia em cada reunião.

Após uma caracterização dessas crianças para se determinar suas dificuldades, foram programadas atividades, envolvendo de desenho, pintura, leituras, narração de histórias pelas crianças e pela estagiária, músicas e histórias infantis, colagem etc. Elas trabalhavam em pequenos grupos, individualmente e com o grupo todo, dependendo das atividades e do nível de dificuldade da criança.

Essas atividades se voltavam para o desenvolvimento de habilidades referentes à alfabetização e matemática (aspectos cognitivos, perceptivos, de linguagem etc); concomitantemente, discutiam-se assuntos trazidos por eles, como namoro, sexo, greve dos professores e propaganda.

Notou-se uma melhora no sentido de se aumentar a sociabilidade entre os integrantes do grupo, uma maior maturidade e responsabilidade para executar tarefas escolares e um progresso na alfabetização e matemática.

Pais

O trabalho realizado com os pais teve início no primeiro ano de atuação, no sentido de fazê-los participar mais nas decisões e nas atividades da instituição, comparecendo em reuniões e festas. Foram oferecidos cursos de culinária e corte e costura para as mães.

Houve a participação deles para a fachada e escrever o nome da instituição, a partir de uma discussão promovida no grupo de monitores, uma vez que ela estava sendo confundida com outra entidade. Para isso também, foram promovidos alguns eventos, como festas juninas, com a participação dos pais e da comunidade.

No final do ano, foi realizada uma reunião com todos os pais, onde puderam discutir, juntamente com os estagiários, interesses próprios e dificuldades no relacionamento com seus filhos. Essa reunião serviu para abrir um maior espaço integrativo entre esses pais, as crianças atendidas e a instituição, uma vez que eles mostraram pouco ou

nenhum conhecimento do trabalho realmente desenvolvido com seus filhos. Eles puderam expressar, assim, o seu interesse em participar de outras reuniões sistemáticas de orientação, que foram iniciadas no segundo ano de atuação dos estagiários.

Dessa forma, neste segundo ano de atuação, este trabalho pôde ser realizado. A partir de um convite feito aos pais na primeira reunião deles na instituição, para participarem de reuniões semanais de orientação, treze mães se interessaram. Destas interessadas, sete participaram de todo o processo, juntamente com a coordenadora da instituição. As reuniões se davam semanalmente, no período noturno, com uma hora e meia de duração.

Os temas de interesse sugeridos por elas diziam respeito a: uso de drogas e como agir, relacionamento conjugal, agressividade na criança, a criança distraída, como conversar sobre sexo com os filhos.

Na discussão do primeiro tema, sobre drogas, procurou-se, inicialmente, voltar-se para os aspectos mais científicos, ou seja, os diversos tipos de drogas, os modos de ação e de uso, a questão da dependência física e/ou psicológica, atualidades sobre o tema e como agir em relação aos usuários e/ou dependentes de drogas.

A partir dessa ampla discussão e do interesse das mães, foi convidado um grupo de especialistas que trabalham com adolescentes e adultos que fazem uso de drogas para ministrarem uma palestra para toda a instituição.

O outro assunto discutido foi o relacionamento amoroso entre um homem e uma mulher que compartilhassem uma vida em comum, mas não necessariamente casados. Houve um envolvimento bem grande de todas as participantes. Nestas discussões, foram trabalhados aspectos relativos ao amor, ao compartilhar sem perder a individualidade, ao respeito mútuo, à compreensão, à independência e emancipação feminina, ao "machismo", a proble-

mas de relacionamento, filhos e a traição, segundo duas perspectivas: a do traidor e a do traído.

O nível de participação foi surpreendente, o que levou essas mulheres a uma ampliação visível de sua visão de mundo e conseqüente mudança de atitude, relacionando-se melhor com seus companheiros mas, ao mesmo tempo, tornando-se mais ativas e independentes na realização de seus objetivos ocupacionais. Pelos seus depoimentos, percebeu-se uma melhora no seu relacionamento familiar.

Foram discutidos também assuntos específicos como métodos anticoncepcionais. Por fim, discutiram-se casos particulares (como exemplos para situações futuras) como forma de aplicar as reflexões realizadas, o que evidenciou ainda mais a evolução do grupo. As mães relataram que passaram a refletir sobre seus problemas com uma perspectiva diferente, baseada no diálogo, tanto com seus companheiros como com seus filhos.

Discussão e Conclusão

Convém ressaltar que o trabalho realizado nessa instituição só foi possível graças à colaboração e aceitação da mesma e, principalmente, à flexibilidade por parte dos integrantes em mudar sua postura assistencial para uma educacional.

O importante desse trabalho é a visão ampla sob a qual foi realizado, considerando-se a instituição como um todo e partindo-se do princípio de que se esta for organizada e integrada na realização de seus objetivos, muitos dos problemas específicos têm condição de serem resolvidos, bem como os imprevistos. Por isso, foi necessário trabalhar-se os objetivos, de forma integrada, neste caso, para que os profissionais que lidavam com as crianças se vissem como educadores. Desta forma, o objetivo do trabalho foi ampliado, para que não se atendesse à solitação primeira, que era o atendimento clínico das crianças que estavam apresentando dificuldades de aprendizagem e de comportamento, mas, sim, orientar os monitores que as atendiam, para que criassem

posturas coerentes que servissem de base para lidar com todas as crianças, tendo condições de enfrentar situações semelhantes ou destoantes no futuro. Assim, tanto para os monitores como para as crianças, foram “propiciadas condições para resolver problemas” e não “resolver problemas para eles”.

Para o estagiário, serviu como uma oportunidade de atuação abrangente, tão discutida e recomendada em sala de aula, enriquecendo sua experiência, à medida que lhe proporcionou também a oportunidade de trabalhar aspectos ligados às relações interpessoais, à iniciativa, à aplicação de conhecimentos adquiridos durante toda a sua formação, à organização e, principalmente, à consideração do ser humano de uma forma contextualizada. A psicologia escolar pôde ser aplicada, na prática, de acordo com uma visão atual que é a sua maior amplitude, com um sentido mais institucional e educacional, afastando-se da concepção tradicional do atendimento clínico individualizado, tão limitado para atender as demandas desta instituição.

Para a instituição, esse trabalho serviu como um elemento organizador e integrador, fornecendo subsídios para reflexões a respeito de sua estrutura e seus objetivos, bem como proporcionando uma nova maneira de ver a criança e o adolescente, enquanto seres em formação.

Espera-se que o trabalho realizado com as crianças, ou adolescentes, as mães e os monitores tenha contribuído para aumentar seus horizontes, tanto no aspecto de informações como de mudanças pessoais mais adequadas e conscientes, despertando uma consciência de trabalho mais integrativa e menos alienada.

Referências

- ALMEIDA, N.V. e LIMA, C.G. (1988) O psicólogo na instituição escolar: relato de uma experiência. *Psicologia*, 6 (1): 111-122.
- BASTOS, A.V.B. e ACHCAR, R. (1994) Dinâmica profissional e formação do psicólogo: uma perspectiva de integração. In Conselho Federal de Psicologia (Org.) *Psicólogo Brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- CARVALHO, A.M.A. (1988) Atuação psicológica: uma análise das atividades desempenhadas pelos psicólogos. In. Conselho Federal de Psicologia (Org.) *Quem é o Psicólogo Brasileiro?* São Paulo: Edicon.
- DEL PRETTE, Z.A. (1993) A identidade do psicólogo escolar/educacional: as diferentes faces da (re)construção. *Estudos de Psicologia*, 10 (2): 125-138.
- GUZZO, R.S.L.; ALMEIDA, L.S. e WECHSLER, S.M. (1993) *Psicologia Escolar: padrões e práticas em países de língua espanhola e portuguesa*. Campinas: Átomo.
- MALUF, M.R. (1994) Formação e atuação do psicólogo na educação: dinâmica de transformação. In Conselho Federal de Psicologia (Org.) *Psicólogo Brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- OLIVEIRA, Q.L. e BRUNS, M.A.T. (1992) O serviço de psicologia escolar visto pelos profissionais que atuam nas redes de ensino pública e particular de Ribeirão Preto e região. *Paidéia - Cadernos de Educação*, (3): 40-51.
- WITTER, G.P. (1977) *Psicologia Escolar: Pesquisa e Ensino*. Tese de Livre Docência. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- WITTER, G.P.; WITTER, C; YUKIMTSU, M.T.C.P. e GONÇALVES, C.L.C. (1992) Atuação do psicólogo escolar e educacional no Brasil: perspectivas através de textos (1980-1992) In Conselho Federal de Psicologia (Org.) *Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços*. Campinas: Átomo.